

## **O Zine como ferramenta de registro e resgate da cultura Terena**

Patrícia Honorato Zerlotti

Denise Silva

Silvia Regina Ferreira Tavares Farina

Vanessa Spacki

O Estado de Mato Grosso do Sul possui a segunda maior população indígena do País. São 12 etnias vivendo no estado, entre elas a etnia Terena que se destaca pela quantidade de pessoas e pela presença expressiva em vários municípios, como por exemplo o município de Miranda.

De acordo com dados do IBGE 2010, Miranda apresenta a maior porcentagem do estado, sendo que 25,3% dos habitantes do município são indígenas da etnia Terena e vivem em três terras indígenas: Terra indígena Lalima, Terra Indígena Pilad Rebuá e Terra Indígena de Cachoeirinha. Essas três terras indígenas são compostas por 10 aldeias: Lalima, Campina, Moreira, Passarinho, Cachoeirinha, Argola, Babaçu, Lagoinha, Morrinho e Mãe -Terra.

Semelhante aos demais povos indígenas do Brasil, o povo Terena vivencia um processo de perda linguística e cultural, tornando urgente a busca e implementação de ações de registro/documentação, valorização e fortalecimento da cultura indígena, bem como sua inserção no ambiente escolar por meio da produção de material didático/paradidático e da formação de professores.

O presente artigo tem por objetivo compartilhar a experiência do projeto “Lendas, causos e contos: um resgate das histórias dos povos do Pantanal e Indígenas do Cerrado” desenvolvido nas aldeias localizadas no município de Miranda, em Mato Grosso do Sul. A proposta teve como objetivo trabalhar a educomunicação e a educação ambiental nas escolas indígenas buscando valorizar a cultura local através do resgate dos saberes tradicionais e sua sistematização por meio do zine, bem como oferecer a formação para que os professores utilizem a ferramenta na sua prática pedagógica.

### **Contexto da experiência**

A formação continuada para professores intitulada “Lendas, causos e contos: um resgate das histórias dos povos do Pantanal e Indígenas do Cerrado”, objeto de reflexão deste artigo, foi idealizada e realizada para os professores e alunos das escolas indígenas do município de Miranda - MS. Participaram da formação professores indígenas das Escolas Indígenas das aldeias: Lalima, Passarinho, Moreira, Babaçu, Argola, Morrinho, Cachoeirinha, Mãe Terra, todas pertencentes à rede municipal de ensino de Miranda.

A Educação Escolar oferecida às comunidades indígenas, por muitos anos, teve por objetivo homogeneizar a sociedade brasileira. Mas, após muitas reivindicações, os indígenas conquistaram o direito a uma Educação Escolar Indígena, específica, diferenciada, intercultural e bilíngue.

A Educação Escolar Indígena passou a ter destaque em leis, declarações, constituições, decretos etc., nos quais são expressos os direitos ao uso da língua materna, dos processos próprios de aprendizagem e a valorização, o respeito e conservação das culturas indígenas.

Sendo assim as Escolas Indígenas inseriram em seus currículos, disciplinas específicas sobre os conhecimentos tradicionais indígenas como é o caso das es-

colas estadual e municipal das comunidades indígenas de Miranda, que apresentam em seus currículos a disciplina Língua Terena. Porém, essas inserções vieram acompanhadas de dúvidas e dificuldades.

Apesar de conhecerem seus direitos e saberem, em tese, o que seja a Educação Escolar Indígena, os professores indígenas têm encontrado dificuldades para que esta educação deixe de ser proposta para se tornar realidade. Os principais obstáculos encontrados são a falta de capacitação/formação continuada; ausência de currículo que estabeleça o que deva ser ensinado no que concerne à língua e a cultura indígena; falta de materiais didáticos que norteiem o trabalho desses profissionais em sala de aula. Os professores indígenas têm encontrado dificuldades para trabalhar com a língua, a arte e a cultura terena em contexto escolar.

## **Contexto institucional**

A iniciativa de trabalhar a educomunicação na escola indígena com objetivo de valorizar a cultura local através do resgate dos saberes tradicionais surgiu de um projeto colaborativo entre duas organizações não governamentais do Mato Grosso do Sul. A experiência de trabalhar juntas foi promovida por meio do edital da Fundação Brazil Foundation que buscava propostas de trabalhos colaborativos entre as instituições que já recebiam apoio da Fundação. Dessa maneira, as representantes das organizações não governamentais ECOA<sup>1</sup> e IPEDI<sup>2</sup> tiveram a oportunidade de se conhecerem e trocarem informações sobre os projetos que desenvolvem em Mato Grosso do Sul, nos municípios pantaneiros.

---

1 A Ecoa, fundada em 1989, é uma organização sem fins lucrativos que atua no Pantanal Sul. Visa promover ações para preservar o meio ambiente, associando investigação científica e ação política, envolvendo comunidades, instituições de ensino e pesquisa, instituições governamentais e outras organizações não governamentais. Mais informações estão disponíveis no site [www.ecoa.org.br](http://www.ecoa.org.br).

2 O IPEDI (Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural), criado em 2012, é uma organização sem fins lucrativos formada por professores que pautaram suas vidas acadêmicas na temática indígena. Tem como missão repassar os conhecimentos científicos adquiridos de forma aplicável as comunidades para a manutenção e preservação do patrimônio cultural imaterial, agindo como mediadores entre os saberes indígenas e não-indígenas, de diferentes segmentos sociais e entidades governamentais e não-governamentais.

A ECOA com sua experiência em educação ambiental e educomunicação desenvolve desde 2008 projetos com alunos e professores das Escolas das Águas. As práticas realizadas valorizam o ambiente local e os saberes dos participantes, por meio da produção de informações professores e alunos conseguem fazer conexões ambientais, sociais e culturais resultando em uma educação reflexiva que também ajuda na autoestima por meio da concretização de sua produção. O IPEDI por sua vez, tem experiência na formação de professores indígenas fundamentada na revitalização da língua e dos conhecimentos tradicionais e na produção de materiais didáticos e paradidáticos que reconhecem e valorizam a diversidade étnica e cultural dos povos do Pantanal.

O compartilhamento das metodologias utilizadas pelas duas organizações resultou em uma formação de professores que promoveu a valorização dos conhecimentos tradicionais, despertou para importância da conservação ambiental, apresentou e inseriu a educomunicação na prática dos professores indígenas (ECO A; IPEDI, 2016).

### **Formação continuada - Lendas, causos e contos: um resgate das histórias dos povos do Pantanal e Indígenas do Cerrado**

Foram realizados dois encontros de formação na cidade de Miranda, no primeiro participaram 40 professores que tiveram a oportunidade de conhecer novos conceitos ambientais, culturais, pedagógicos, além da técnica para elaboração de um Zine. A proposta pedagógica da formação foi elaborada e ministrada por uma equipe multidisciplinar composta por uma bióloga, duas pedagogas e uma jornalista. Todas profissionais com experiência e vinculada a uma organização não governamental.

A proposta pedagógica foi dividida em três momentos de trabalho, no primeiro, denominado como “Eu no bioma”, buscou-se identificar como o professor se vê inserido na localidade, incluindo os aspectos ambientais e socioculturais. Por meio da produção de uma autobiografia ecológica os participantes puderam comparar o ambiente em que viviam enquanto criança com o seu ambiente atual. O exercício despertou atenção e a percepção dos professores para os problemas relacionados ao meio ambiente que as aldeias enfrentam como uma maior quantidade de lixo e a água não é mais limpa e abundante como antes.



*Figura 1: Aula expositiva sobre meio ambiente para os professores das Escolas Indígenas. Fonte: Ecoa, Ipedi, 2016*

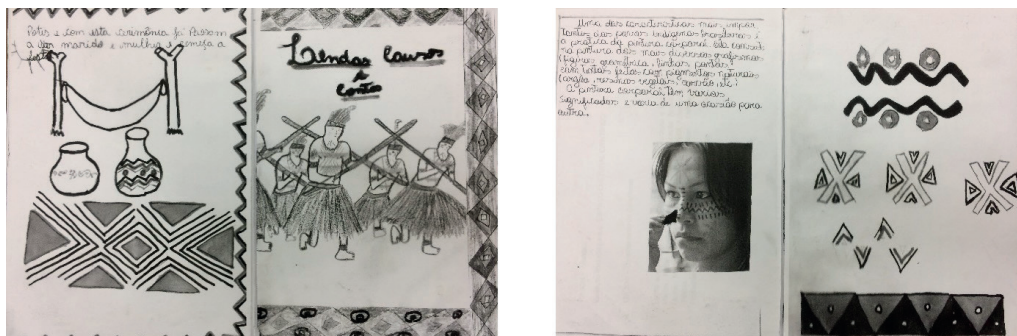


*Figura 2: Professores trabalham em grupo para produção do zine. Fonte: Ecoa, Ipedi, 2016*

No segundo momento foi abordada a “Educação Cultural” que trabalhou a importância da valorização da cultura indígena Terena, a necessidade de registrar os conhecimentos tradicionais e trabalhá-los em sala de aula, uma vez que se trata de uma cultura que tem a oralidade como principal meio de comunicação, e com o passar dos anos e as mudanças até mesmo a língua Terena está-se perdendo. Para levantar os contos, lendas e histórias que os professores conhecem foi realizada uma roda de conversa e as informações levantadas tornaram-se os conteúdos do Zine produzido pelos professores.

Da produção dos professores resultaram dois Zines, “Histórias que o vovô contava” e “Cultura Indígena Terena”. O primeiro zine traz informações sobre a

formação que os professores participaram, comidas típicas, lendas, contos e brincadeiras. Foi montado com recorte de jornais, revistas e pode-se encontrar elementos da cultura Terena e da cultura branca. Já o outro zine é focado na cultura Terena, trazendo informações específicas como as características da pintura corporal indígena, o que representa os diferentes símbolos, o ritual do casamento Terena e as lendas (Figuras 3 e 4). Todo o zine é ilustrado com desenhos feitos pelos professores e não há utilização de recortes de jornais e revistas. As ministrantes do curso se responsabilizaram por montar os Zines e fazer as 250 cópias que foram distribuídas para todos os professores e professoras das Escolas Indígenas de Miranda.



Figuras 3 e 4: Páginas dos zines produzidos pelos professores durante o primeiro encontro. Fonte: Fonte: Ecoa, Ipedi, 2016

Conforme acordado com os professores participantes, após o primeiro encontro de formação, eles retornariam para sala de aula com o desafio de elaborar junto com os estudantes alguns zines com objetivo de registrar os aspectos culturais da comunidade local. Sendo que para o levantamento das informações era preciso ter o envolvimento de toda comunidade, uma vez que o conhecimento está na memória dos pais e avós. Os professores tiveram total liberdade de planejamento para desenvolver a proposta em sala de aula.

Para o levantamento das informações os professores utilizaram com os estudantes as mesmas técnicas que aprenderam no primeiro encontro de formação. Assim, realizaram rodas para contação de histórias, contos e causos; visitaram as casas das anciãs e entrevistaram os familiares.

A equipe do projeto acompanhou o desenvolvimento das ações em algumas escolas. No segundo encontro teve como objetivo orientar os professores e avaliar as atividades em desenvolvimento. Esta etapa foi importante para dar segurança aos professores e apoiá-los a continuarem as atividades. Mesmo com algumas dificuldades técnicas na montagem do zine, os professores e alunos registraram os contos, mitos e lendas da comunidade indígena Terena por meio dos textos.



*Fotos 5 e 6: Professores produzem zines com os estudantes colocando em prática as técnicas que aprenderam no primeiro encontro de formação. Fonte: Ecoa, Ipedi, 2016*

As informações levantadas resultaram em zines sobre a cultura e o meio ambiente; histórias, contos e crenças. Todos foram produzidos pelos estudantes com auxílio dos professores. As informações registradas pelos estudantes e professores serão transformadas em uma coleção de material paradidático ilustrado<sup>3</sup>, na língua terena e português e distribuído para todos estudantes das Escolas Indígenas. Esta é uma maneira de valorizar e difundir os saberes e crenças indígenas Terena e suas formas de expressão que constituem o patrimônio imaterial desse povo, colaborando para a pró-vitalização de sua cultura e o fortalecimento de sua identidade étnica.

---

3 Projeto Itúkeovo Tênenoe foi submetido ao Fundo de Investimentos Culturais (FIC) de Mato Grosso do Sul e aprovado. Serão produzidos mil exemplares do material paradidático e distribuído aos estudantes das Escolas Indígenas Terena.

## O Zine

A palavra Fanzine é um neologismo que surgiu a partir da contração de duas palavras inglesas, *fanatic + magazine*, que em tradução livre, pode ser entendida como revista do fã. Segundo Magalhães (1993, p. 09), Fanzine é uma publicação de caráter alternativo e amador, lançado, geralmente, em pequena tiragem e que é impresso de forma artesanal. Os responsáveis por sua produção e edição são, na maioria das vezes, indivíduos, grupos ou fã-clubes de determinado segmento, aficionados pelo tema em questão.

Os Fanzines são veículos amplamente livres de censura. Neles seus autores divulgam o que querem, pois não estão preocupados com grandes tiragens nem com lucro; portanto, sem as amarras do mercado editorial e de vendas crescentes (MAGALHÃES, 1993, p.10).

Atualmente o Fanzine é denominado apenas de zine, porque perdeu a singularidade de ser produzida apenas por fã. Hoje podemos encontrar zines que tratam de diferentes assuntos e não são produzidos por fã, também é considerado como uma mídia alternativa.

A opção de utilizar o zine na proposta de formação continuada está relacionada ao fato de ser uma mídia de baixo custo e que não exige muitos recursos tecnológicos para ser produzida, características essas que vão ao encontro da realidade das Escolas Indígenas de Miranda.

[...] a atividade de confecção do Zine foi bastante interessante, pois nas oficinas pude aprender como é feito, a formação das oficinas fez muita diferença, pois é algo que está ajudando nós professores, porque é sempre importante fazer uma educação diferenciada. Na confecção os alunos participaram atentamente e criativamente, pois através da confecção do Zine eles aprenderam sobre o folclore e sobre a cultura Terena, que é bastante importante para nossos alunos, não houve muita dificuldade para a prática em sala, pois estava sempre auxiliando quando necessário. **Professora Fernanda Cantareli, Escola Municipal Indígena Polo Pilad Rebuá – Aldeia Passarinho**



Outra finalidade buscada e conquistada com o zine, como apresenta o depoimento da professora, foi a de promover a liberdade de produção aos professores e estudantes, permitindo despertar a criatividade de cada um e principalmente mostrar que todos podem e conseguem escrever. Aragão (1999, p. 15), dá o embasamento teórico, quando diz que o Fanzine é “um misto de carta e revista, que dão a palavra a indivíduos que, muitas vezes, sequer têm intimidade com ela.

## **Educomunicação**

Ao elaborar a proposta pedagógica de formação para os professores indígenas das escolas de Miranda optou-se pelo conceito da educomunicação definido por Martin-Barbero (2002). Refere-se a “um processo educativo que permite aos alunos apropriarem-se criativamente dos meios de comunicação; integrar a voz dos estudantes ao Ecosistema Comunicativo da escola e, em última instância melhorar a gestão do ambiente escolar com a participação dos educandos”. Sendo assim, entendemos que ela fornece os subsídios necessários para trabalhar a autonomia dos professores e estudantes; promover o diálogo sem a presença da hierarquia escolar que prevalece em sala de aula; levantar informações e saberes que são repassados de geração para geração pela oralidade além de ser uma ferramenta que promove a criatividade e atrai atenção e o interesse dos estudantes.

Eu adorei o zine pois ele abre um leque muito grande para o aluno desenvolver o seu imaginário, onde eles se interagem com o colega trocando o conhecimento e aceitando a ideia do outro, pois muitas vezes ele é tímido com o professor, mas com o colega não. Principalmente a área indígena que tem o dom do desenho, mas tem muita vergonha de desenvolver, os nossos alunos gostam quando a gente ou melhor o professor leva alguma coisa de novidade, no começo vai meio devagar, mas logo eles desenvolvem um bom trabalho principalmente quando envolve a sua cultura, a sua história.

**Sonia Acosta, coordenadora da Escola Municipal Indígena Polo Pílad Rebuá – Aldeia Moreira e Passarinho.**

Desenvolver o trabalho do zine, na sala do 3º foi bom, achei interessante. No início, como as vezes acontece, alguns não queriam fazer parte do grupo e sim individual. Até aí tudo bem. Uns queriam, mas mostraram desinteressados, mas também tinham aqueles que estavam ansiosos. Com o passar do tempo, depois de tudo esclarecido, todos tiveram um animo só. Cada um queria caprichar o máximo. Ficaram felizes ao serem registrados junto com o trabalhinho. Fiquei maravilhada com o desenvolvimento dos desenhos apresentados. A felicidade foi dobrada quando eu disse a eles, teriam o trabalho de volta, mas em forma de um livrinho. Agora todos estão ansiosos, aguardando esse grande momento”. **Professora Arlete, Escola Pilad Rebuá – Aldeia Moreira**

Zeichner (1993) assinala que ao trabalhar a cultura e o contexto local, os estudantes se sentem valorizados e motivados a desenvolverem as atividades propostas. O depoimento da professora Maria Belizário, da Escola Municipal Indígena Polo Felipe Antônio, Extensão Mãe Terra - Aldeia Mãe Terra, reforça ainda mais a importância de apresentar novas ferramentas de aprendizagem, os estudantes participam e desenvolvem as atividades propostas com dedicação.

Realizei o trabalho dentro da sala de aula na Aldeia Mãe Terra (área de retomada) com a turma do Multisseriado (1º ao 5º ano). As crianças adoraram esse trabalho do Zine, foi uma troca de experiência porque pesquisaram algumas histórias, lendas e contos com seus pais, depois começaram a trabalhar através de recorte, colagem e desenho dos próprios alunos. Por esse motivo fico muito grata com as doutoras que nos trouxe esse belíssimo trabalho que nós desenvolvemos com a nossa turma na aldeia Mãe Terra. **Maria Belizário, professora da Escola Municipal Indígena Polo Felipe Antônio, Extensão Mãe Terra - Aldeia Mãe Terra**

Eu desenvolvi o trabalho na Escola Municipal Indígena Pólo Presidente João Figueiredo – Extensão Irmãos Souza, na Aldeia Lalima, com os alunos do segundo ano do ensino fundamental. O trabalho

foi através de pesquisa com uma visita na casa da senhora Maria José Rodrigues de 89 anos, onde ela contou histórias e contos, os alunos adoraram o trabalho. O segundo passo foi a produção do Zine, com desenho, pintura, recorte e colagem. Estas atividades foram através de pesquisas, oralidade, escrita, um trabalho de grande proveito. Organizamos um círculo de baixo do pé de amora para ouvir as lendas, contos e causos”. **Maria Clementina Capriata, professora do 2º ano do Ensino Fundamental – Escola Municipal Indígena Polo Presidente João Figueiredo – Extensão Irmãos Souza, na Aldeia Lalima.**

Campos (2009, p.75-76) apresenta vários benefícios que o uso dos zines pode trazer no contexto escolar. Começando pela troca de experiência e novas “descobertas em grupo que resultam na criação de laços afetivos e na valorização de aspectos do cotidiano comum, importantes na criação de identidade.” Outro ponto importante é a possibilidade de fazer um “registro histórico espontâneo da língua e contexto social, o estreitamento dos laços pais-amigos-escola”. São proporcionados momentos ímpares de aprendizagens que vão além do aprender a ler e escrever, podendo inclusive ser trabalhado com crianças que estão sendo alfabetizadas.

## **Considerações**

Por meio dos zines que foram produzidos pelos estudantes e dos depoimentos dos professores foi possível verificar que houve o levantamento e o registro das histórias, contos, mitos e lendas da cultura Terena. Além de ter ocorrido um intercâmbio de conhecimento entre as diferentes gerações, a proposta permitiu o envolvimento de toda a comunidade indígena: crianças, professores, lideranças, artesãos e anciãos das aldeias.

Assim, pode-se afirmar que o projeto contribuiu para a valorização do patrimônio imaterial das comunidades, para a formação dos professores, para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas atendidas e para o registro e documentação desse saber tão rico, mas que por não estar registrado, permanece na memória dos mais velhos, correndo o risco de ser extinto.

O projeto propiciou a troca de metodologias e ampliou o conhecimento dos professores sobre a realidade que os cercam, tanto nos aspectos culturais como ambientais. A aplicação da metodologia nas escolas despertou o interesse das crianças nas histórias contadas pelos mais velhos e trabalhou as habilidades da escrita, do desenho, a criatividade das crianças em diferentes aspectos, saindo da rotina escolar de sala de aula.

## Referência

ARAGÃO, Thais Amorim. **Os Índies do Brasil**: sobre o TupanZine: Fanzine brasileiro contemporâneo polêmico sobre indie rock. Monografia de Conclusão do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1999.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. **abraFANZINE**: da publicação independente à sala de aula. **Txt: Leituras Transdisciplinares de Telas e Textos**, [S.l.], v. 5, n. 10, p. 65-77, fev. 2016. ISSN 1809-8150. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/txt/article/view/10053>>. Acesso em: 3 maio 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/1809-8150.5.10.65-77>.

ECOIA; IPEDI. **Relatório do projeto “Lendas, causos e contos: um resgate das histórias dos povos do Pantanal e Indígenas do Cerrado”**. Campo Grande, MS: ECOIA, 2016.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é Fanzine**. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Coleção Primeiros Passos).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

ZEICHNER, Kenneth, M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Educa Professores, 1993.

## Sobre as autoras:

**Denise Silva** - possui licenciatura em Pedagogia (2004) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Aquidauana, Mestrado em Letras (2009) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul /Campus de Três Lagoas e Doutorado (2013) e Pós-doutorado (2016) em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-Araraquara). Tem experiência na área de fonética, fonologia, lexicologia, lexicografia, assessoria linguística e pedagógica em cursos de formação de professores indígenas e na produção de material didático para ensino de línguas em contextos complexos. É uma das fundadoras e atual presidente do IPPEDI, reside em Miranda, Mato Grosso do Sul. E-mail:denisemiranda83@gmail.com

**Patrícia Honorato Zerlotti** - graduada em jornalismo (2001) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Pedagogia (2017) pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), especialista em Planejamento e Gestão Ambiental (2006) pela UNAES e mestre em Educação (2014) pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Possui experiência na elaboração e coordenação de projetos socioambientais e na organização de oficinas e elaboração de materiais educativos. Realiza pesquisa na área da educação e formação de professores para diversidade cultural como colaboradora da ong ECOA. Reside em Campo Grande – MS. E-mail: patriciazerlotti@gmail.com

**Vanessa Spacki** - possui licenciatura em Ciências Biológicas (2002) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Especialista em Ecoturismo (2003) pela Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana - FCEA; Mestre em Conservação da Biodiversidade (2014) pela Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade - ESCAS. Trabalha na Ecoa, desde 2006, com comunidades pantaneiras na busca de alternativas de renda e melhoria da qualidade de vida, com ênfase em desenvolvimento integral de comunidades e eventos naturais extremos no Pantanal. Reside em Campo Grande - MS, E-mail: vanessa@riosvivos.org.br

**Silvia Regina Ferreira Tavares Farina** - licenciada em pedagogia (1981) pela Universidade do Oeste Paulista, UNIOESTE, Especialista em Educação Infantil: Ensino/Aprendizagem (2002) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Especialização em Pós-Graduação Lato Sensu (2009) pela Faculdade Pitágoras, Especialista em Educação Ambiental em Espaços Sustentáveis (2016) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Mestranda em Organização e Gestão de Centros Educacionais pela FUNIBER. Trabalhou na Rede Estadual de Ensino de MS como professora de educação infantil, diretora e chefe de Núcleo Educacional. Atualmente é coordenadora de projetos sociais do Instituto de Apoio Proteção, Pesquisa, Educação e Cultura - IAPPEC, reside em Campo Grande - MS. E-mail: silviatavaresfarina@hotmail.com